

# DIMENSÕES DA EXCEPCIONALIDADE

---



2026



ANTONIO GASPARETTO JÚNIOR

**Antonio Gasparetto Júnior**  
Organizador

# **Dimensões da excepcionalidade**



Pantanal Editora

2026

Copyright© Pantanal Editora

**Editor Chefe:** Dr. Alan Mario Zuffo

**Editores Executivos:** Dr. Jorge González Aguilera e Dr. Bruno Rodrigues de Oliveira

**Diagramação:** A editora. **Diagramação e Arte:** A editora. **Imagens de capa e contracapa:** Canva.com. **Revisão:** O(s) autor(es), organizador(es) e a editora.

### Conselho Editorial

#### Grau acadêmico e Nome

Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos  
Profa. MSc. Adriana Flávia Neu  
Profa. Dra. Albys Ferrer Dubois  
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior  
Profa. MSc. Aris Verdecia Peña  
Profa. Arisleidis Chapman Verdecia  
Prof. Dr. Arinaldo Pereira da Silva  
Prof. Dr. Bruno Gomes de Araújo  
Prof. Dr. Caio Cesar Enside de Abreu  
Prof. Dr. Carlos Nick  
Prof. Dr. Claudio Silveira Maia  
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos  
Prof. Dr. Cristiano Pereira da Silva  
Profa. Ma. Dayse Rodrigues dos Santos  
Prof. MSc. David Chacon Alvarez  
Prof. Dr. Denis Silva Nogueira  
Profa. Dra. Denise Silva Nogueira  
Profa. Dra. Dennyura Oliveira Galvão  
Prof. Dr. Elias Rocha Gonçalves  
Prof. Me. Ernane Rosa Martins  
Prof. Dr. Fábio Steiner  
Prof. Dr. Fabiano dos Santos Souza  
Prof. Dr. Gabriel Andres Tafur Gomez  
Prof. Dr. Hebert Hernán Soto Gonzáles  
Prof. Dr. Hudson do Vale de Oliveira  
Prof. MSc. Javier Revilla Armesto  
Prof. MSc. João Camilo Sevilla  
Prof. Dr. José Luis Soto Gonzales  
Prof. Dr. Julio Cezar Uzinski  
Prof. MSc. Lucas R. Oliveira  
Prof. Dr. Luciano Façanha Marques  
Profa. Dra. Keyla Christina Almeida Portela  
Prof. Dr. Leandris Argentele-Martínez  
Profa. MSc. Lidiene Jaqueline de Souza Costa Marchesan  
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann  
Prof. MSc. Marcos Pisarski Júnior  
Prof. Dr. Marcos Pereira dos Santos  
Prof. Dr. Mario Rodrigo Esparza Mantilla  
Profa. MSc. Mary Jose Almeida Pereira  
Profa. MSc. Núbia Flávia Oliveira Mendes  
Profa. MSc. Nila Luciana Vilhena Madureira  
Profa. Dra. Patrícia Maurer  
Profa. Dra. Queila Pahim da Silva  
Prof. Dr. Rafael Chapman Auty  
Prof. Dr. Rafael Felipe Ratke  
Prof. Dr. Raphael Reis da Silva  
Prof. Dr. Renato Jaqueto Goes  
Prof. Dr. Ricardo Alves de Araújo (*In Memoriam*)  
Profa. Dra. Sylvana Karla da Silva de Lemos Santos  
Prof. Dr. Tayronne de Almeida Rodrigues  
Prof. Dr. Ugur Azizoglu  
Prof. Dr. Wéverson Lima Fonseca  
Prof. MSc. Wesclen Vilar Nogueira  
Profa. Dra. Yilan Fung Boix  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme

#### Instituição

OAB/PB  
Mun. Faxinal Soturno e Tupanciretã  
UO (Cuba)  
UFJF  
Facultad de Medicina (Cuba)  
ISCM (Cuba)  
UFESSPA  
UEA  
UNEMAT  
UFV  
AJES  
UFGD  
UEMS  
IFPA  
UNICENTRO  
IFMT  
UFMG  
URCA  
ISEPAM-FAETEC  
IFG  
UEMS  
UFF  
(Colômbia)  
UNAM (Peru)  
IFRR  
UCG (México)  
Rede Municipal de Niterói (RJ)  
UNMSM (Peru)  
UFMT  
SED Mato Grosso do Sul  
UEMA  
IFPR  
Tec-NM (México)  
Consultório em Santa Maria  
UFJF  
UEG  
FAQ  
UNAM (Peru)  
SEDUC/PA  
IFB  
IFPA  
UNIPAMPA  
IFB  
UO (Cuba)  
UFMS  
UFPI  
UFG  
UEMA  
IFB  
Sec. Mun. de Educação, Cultura e Tecnologia de Araripe  
Universidade Kayseri, Türkiye  
UFPI  
FURG  
UO (Cuba)  
UFT

Conselho Técnico Científico  
- Esp. Joacir Mário Zuffo Júnior  
- Esp. Maurício Amormino Júnior  
- Lda. Rosalina Eufrausino Lustosa Zuffo

Ficha Catalográfica

**Catalogação na publicação**  
**Elaborada por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166**

D582

Dimensões da excepcionalidade / Organização de Antonio Gasparetto Júnior. – Nova Xavantina-MT: Pantanal, 2026. 116p.

Livro em PDF

ISBN 978-65-85756-78-5

DOI <https://doi.org/10.46420/9786585756785>

1. Constituição. 2. Crise política. 3. Democracia. I. Gasparetto Júnior, Antonio (Organizador). II. Título.

CDD 342.02

Índice para catálogo sistemático

I. Constituição



Nossos e-books são de acesso público e gratuito e seu download e compartilhamento são permitidos, mas solicitamos que sejam dados os devidos créditos à Pantanal Editora e também aos organizadores e autores. Entretanto, não é permitida a utilização dos e-books para fins comerciais, exceto com autorização expressa dos autores com a concordância da Pantanal Editora.

**Pantanal Editora**

Rua Abaete, 83, Sala B, Centro. CEP: 78690-000.  
Nova Xavantina – Mato Grosso – Brasil.  
Telefone (66) 99682-4165 (Whatsapp).  
<https://www.editorapantanal.com.br>  
[contato@editorapantanal.com.br](mailto:contato@editorapantanal.com.br)

# APRESENTAÇÃO

O podcast *Estado de Exceção* nasceu de um projeto de pós-doutoramento realizado na Universidade de São Paulo (USP), entre 2019 e 2021, cuja pesquisa se dedicava ao estudo histórico da utilização do instituto constitucional de excepcionalidade do estado de sítio em países da América do Sul. Naquele momento, o mundo enfrentava a pandemia de Covid-19, que mobilizava diferentes manifestações de estados de exceção como alternativa dos países para contenção dos problemas causados pelo coronavírus. Ao passo em que a exceção foi acessada para gerir a crise sanitária, alguns governos se valeram da excepcionalidade para minar sua própria democracia e suas instituições. De tal modo que a combinação entre pandemia e estados de exceção viabilizou ações autoritárias e enfraquecimento democrático no mundo. Diante desse cenário, o podcast surgiu como espaço para reflexão sobre os riscos e ameaças à democracia no Brasil e no mundo, pensados a partir da utilização de instrumentos de excepcionalidade.

O termo “estado de exceção” é polissêmico, assumindo sentidos variados conforme a orientação de sua análise. Do ponto de vista *jurídico-constitucional*, ele pode ser pensado como legalidade extraordinária prevista em ordenamentos jurídicos autorizando a suspensão de direitos e garantias constitucionais para o enfrentamento de crises extremas como guerras, revoltas ou insurreições, por exemplo. Sua manifestação pode ocorrer por meio de institutos como, dentre outros, o estado de sítio, o estado de defesa ou o estado de emergência. O estado de exceção pode ser entendido por seu *sentido decisionista* revelando a soberania sobre sua decisão. Nessa leitura que remete aos preceitos de Carl Schmitt, o foco está na decisão política, não na norma. Essas são as duas vertentes mais clássicas de interpretação, porém as reflexões de Giorgio Agamben introduziram um *sentido biopolítico* em que a exceção teria se tornado um paradigma de governo contemporâneo, pois deixa de ser episódica e passa a ser permanente. Uma interpretação que se relaciona com um *sentido sociológico e crítico* em que a exceção é normalizada e vista como instrumento de controle social. Já para a *prática histórico-política*, o estado de exceção está relacionado aos momentos de ruptura democrática por meio de ditaduras e/ou regimes autoritários que operam sob a justificativa constante da crise. Nesse sentido, o conceito é mais aplicado a verificações práticas de regimes de exceção do que aspectos normativos.

Em suma, o estado de exceção pode ser entendido como um mecanismo legal, uma decisão soberana, uma técnica de governo, uma forma estrutural de dominação por meio de crises reais ou construídas ou uma prática histórica de poder. De forma geral, todas essas manifestações tangenciam limites da democracia, colocando-a em risco ou a fragilizando. Assim, o podcast *Estado de Exceção* se propõe a explorar todas essas possíveis abordagens e suas percepções e verificações nas experiências

humanas por meio de diálogos capazes de contribuir com a compreensão pública sobre a excepcionalidade.

O primeiro episódio do podcast foi lançado no dia 24 de janeiro de 2020, com a participação da Professora Heloísa Câmara, da Universidade Federal do Paraná (UFPR), refletindo sobre aspectos gerais dos estados de exceção e os riscos à democracia. Desde então, o programa mantém sua regularidade de episódios mensais, somando, em 2026, sete temporadas de divulgação e 100 episódios lançados.

Até o momento da redação deste texto, 94 episódios já se encontravam publicados contando com a participação de 86 convidados representantes de 61 instituições de ensino e pesquisa (nacionais e internacionais). Contribuíram para a divulgação científica 55 homens e 31 mulheres provenientes de 13 países (Alemanha, Argentina, Brasil, Canadá, Colômbia, El Salvador, Espanha, Estados Unidos, Hungria, Índia, Itália, Peru e Venezuela). Os episódios foram veiculados em português, espanhol ou inglês e alguns deles foram especialmente republicados em função de datas ou ocorrências de grande relevância para o podcast ou a sociedade.

Nesses 6 anos de existência, o podcast conquistou audiência internacional em 81 países<sup>1</sup>, somando mais de 15 mil plays em plataformas de áudio. Depois do Brasil, os países que mais consomem o conteúdo são os Estados Unidos e a França. Dentre os episódios mais escutados, ocupam o pódio: Giorgio Agambem (#4), com a participação de Evandro Pontel (PUC-RS); Carl Schmitt (#3), com Vinícius Liebel (UFRJ); e A “Ucranização” da Democracia (#8), com a participação de Odilon Caldeira Neto (UFJF).

Muito embora a principal plataforma de divulgação e de audiência do podcast seja o *Spotify*, o programa também está disponível em outros agregadores de áudio, como *Amazon Music*, *Apple Podcasts*, *Castbox*, *Goodpods*, *iHeartRadio*, *Pocket Casts* e *Overcast*. Além de um canal oficial no [Youtube](#) para entrevistas em vídeo e transmissão de eventos. Durante o ano de 2025, o podcast contou com a parceria especial da editora *Contracorrente*, que contribuiu com temas, viabilização de entrevistas e descontos especiais em livros de seu catálogo para os ouvintes.

O conteúdo divulgado pelo podcast ***Estado de Exceção*** foi contemplado, em 2025, com o selo *Saberes Históricos*, que reconhece práticas de divulgação de saberes ou produções de conteúdo histórico ou historiográfico. O selo é concedido pelo *Fórum Saberes Históricos*, que reúne associações profissionais e coletivos diversos que se mobilizam para estabelecer compromissos éticos sobre a produção e difusão dos saberes históricos.

Ao chegar à marca de 100 episódios lançados, este livro celebra a longevidade do projeto visando oferecer aos ouvintes e quaisquer interessados na temática dos estados de exceção subsídios de fácil

---

<sup>1</sup> África do Sul, Alemanha, Angola, Arábia Saudita, Argentina, Argélia, Austrália, Áustria, Azerbaijão, Bahamas, Bahrein, Bangladesh, Belarus, Bélgica, Benin, Bolívia, Camboja, Canadá, Catar, Chile, China, Colômbia, Costa Rica, Curaçao, Dinamarca, Egito, El Salvador, Emirados Árabes Unidos, Equador, Espanha, Estados Unidos, Etiópia, Filipinas, França, Guatemala, Holanda, Honduras, Hong Kong, Hungria, Índia, Indonésia, Irã, Iraque, Irlanda, Israel, Itália, Japão, Jordânia, Lituânia, Macedônia, Malta, Marrocos, México, Nigéria, Nepal, Noruega, Omã, Panamá, Paquistão, Paraguai, Peru, Polônia, Portugal, Quênia, Reino Unido, República Tcheca, Romênia, Rússia, Singapura, Síria, Suécia, Suíça, Trindade e Tobago, Turquia, Ucrânia, Uruguai, Usbequistão, Venezuela e Vietnã.

acesso e fácil leitura. A obra é composta de 11 capítulos breves que abordam conteúdo essencial sobre o assunto, estando dividida em uma dimensão teórica e uma dimensão prática dos estados de exceção. Assim, procura-se oferecer uma espécie de glossário básico sobre a temática prezando pelo rigor acadêmico. A leitura pode servir tanto de enriquecimento próprio de conhecimento para qualquer pessoa quanto de referência acadêmica formal. Além disso, o livro pode ser consumido de maneira multimídia, pois cada capítulo contém um link para complementação do conteúdo por meio de episódios em áudio do podcast.

Por fim, é muito importante agradecer a cada pessoa que contribuiu para a realização desse projeto, seja por meio de entrevistas, conferências ou parcerias que possibilitaram a divulgação do conhecimento científico de modo simples e direto. O podcast ***Estado de Exceção*** continuará subsidiando a compreensão pública com reflexões pertinentes e análises fundamentadas sobre questões envolvendo a excepcionalidade e os riscos à democracia.

Antonio Gasparetto Júnior

Primeiro semestre de 2026



<https://t.co/jZ0BQZiTGI>

<http://www.youtube.com/@podcastestadodeexcecao>

# SUMÁRIO

|                                                                                                          |           |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------|
| Apresentação .....                                                                                       | 4         |
| <b>DIMENSÃO TEÓRICA .....</b>                                                                            | <b>8</b>  |
| Capítulo 1.....                                                                                          | 9         |
| Carl Schmitt: o teólogo jurídico .....                                                                   | 9         |
| Capítulo 2.....                                                                                          | 17        |
| Walter Benjamin: “o estado de exceção em que vivemos é a regra” .....                                    | 17        |
| Capítulo 3.....                                                                                          | 26        |
| Estado de exceção em Giorgio Agamben: sobre a relação entre a vida (nua) e o poder.....                  | 26        |
| Capítulo 4.....                                                                                          | 35        |
| Critérios de manutenção do Estado de Direito durante a emergência institucional .....                    | 35        |
| Capítulo 5.....                                                                                          | 45        |
| Estado de Emergência: governança entre salvar e proteger a democracia .....                              | 45        |
| <b>DIMENSÃO PRÁTICA .....</b>                                                                            | <b>54</b> |
| Capítulo 6.....                                                                                          | 55        |
| Exceção internacional: a fraude jurídica da guerra no século XXI .....                                   | 55        |
| Capítulo 7.....                                                                                          | 65        |
| Estados de exceção e direitos humanos no Sistema Interamericano.....                                     | 65        |
| Capítulo 8.....                                                                                          | 74        |
| Estado de exceção é a realidade cotidiana na Hungria .....                                               | 74        |
| Capítulo 9.....                                                                                          | 80        |
| Campos como paradigmas da exceção: Clevelândia do Norte e a aplicação da excepcionalidade no Brasil..... | 80        |
| Capítulo 10.....                                                                                         | 92        |
| Exceção e forma constitucional no regime Vargas (1930-1945) .....                                        | 92        |
| Capítulo 11.....                                                                                         | 104       |
| Intervenção federal no Brasil.....                                                                       | 104       |
| Autorias .....                                                                                           | 112       |
| Índice Remissivo.....                                                                                    | 116       |

# Estado de exceção é a realidade cotidiana na Hungria<sup>1</sup>

 10.46420/9786585756785cap8

Ágnes Judit Szilágyi 

O ‘homem forte’ da situação excepcional em Budapeste

A seguir, gostaria de apresentar brevemente algumas características da política do atual primeiro-ministro húngaro, Viktor Orbán (1963). Hungria é um país na Europa Central e membro da União Europeia desde 2004. Seu tamanho e importância económica são praticamente idênticas às de Portugal, o que pode servir de referência numa comparação europeia. Seu território é como o de estado de Santa Catarina, o PIB é como o de Minas Gerais, em termos brasileiros. Em nosso país, desde março de 2020, está em vigor, com breves interrupções, um regime jurídico de emergência, no qual o governo governa por meio de decretos, de modo que o poder executivo assumiu claramente o predomínio.

O primeiro-ministro da Hungria, Viktor Orbán, chefe do poder executivo, cuja atuação é bastante controversa. Sua personalidade e suas atividades despertam grande interesse internacional também, razão pela qual já foram escritas inúmeras obras jornalísticas e acadêmicas sobre ele. A grande maioria destes, é claro, está escrita em húngaro, no entanto, algumas análises excelentes estão disponíveis em outras idiomas. Em 2016, Peter Wilkin da Universidade Brunel (EUA) dedicou um livro inteiro à evolução da política na Hungria, pintando um quadro bastante alarmante, *Hungary's Crisis of Democracy: The Road to Serfdom* (Lexington Books). Além disso, recomenda-se a leitura da análise do jornalista austríaco de origem húngara Paul Lendvai, *Orbán: Hungary's Strongman* (Oxford University Press, 2018); o livro de 2019 do historiador ítalo-húngaro e professor da Universidade de Florença Stefano Bottoni, *Orbán: Un despota in Europa* (Salerno Editrice), originalmente escrito em italiano e também publicado em húngaro, alemão e romeno; a obra da ex-política húngara e pesquisadora de democracia Zsuzsanna Szelényi: *Tainted Democracy – Viktor Orbán and the Subversion of Hungary* (Hurst, 2023). Além disso, em julho de 2025, as próprias ideias do chefe do governo de Budapeste tornaram-se acessíveis em português, quando a editora portuguesa Diário de Bordo publicou *Viktor Orbán: Discursos*.

---

<sup>1</sup> Ouça mais sobre esse tema em: <https://bit.ly/HungriaEdE>.

*Há quanto tempo existe o Orbánismo na Hungria?*

É difícil definir o sistema de Viktor Orbán com base em um único momento específico. Considerando que ele está no poder há décadas e que seu sistema está em constante e pragmática transformação. Orbán apareceu na vida pública da Hungria no final dos anos 1980, como um jovem, radical e liberal estudante de Direito, um dos líderes da FIDESZ (União dos Jovens Democratas, em húngaro: *Fiatal Demokraták Szövetsége*). A FIDESZ foi um partido da nova geração política, fundado em 1988, e brevemente tornou-se um dos protagonistas da redemocratização depois do socialismo do sistema monopartidário. Muita coisa mudou desde então. Entre 1994-1998 a orientação do FIDESZ e do seu líder fez uma volta de 180 graus: tornavam a direção democrata-cristã, nacionalista e neoliberal. Venceram as eleições de 1998 com um programa direitista e Orbán formou um governo de coligação direitista durante o primeiro mandato até 2002.

Depois de 2002, tornou-se líder da oposição parlamentar, ele continuou a ser uma figura determinante na cena política húngara, e sua narrativa muitas vezes dominava o discurso público, enquanto o seu partido, o FIDESZ, fortalecia-se significativamente com iniciativas civis que infiltravam toda a sociedade húngara. O seu programa populista foi extremamente bem-sucedido nas eleições de 2010, seu partido ganhou uma maioria de 2/3 no Parlamento húngaro e Viktor Orbán voltou como chefe do poder executivo. Com uma maioria de dois terços, ele teve praticamente carta branca para transformar a estrutura política na Hungria.

O líder conseguiu repetir seu sucesso em 2014, em 2018 e 2022, mas com ajuda de um sistema eleitoral/político fortemente distorcido. Viktor Orbán atualmente está no seu quinto ciclo de primeiro-ministro da Hungria, continuamente pela quarta vez, desde 2010 até hoje, sem interrupção, ou seja, há cerca de uma década e meia está no governo, ao mesmo tempo em que desmantela as instituições democráticas e exerce um poder cada vez mais ditatorial. O primeiro-ministro húngaro gosta de se referir que é o chefe de governo mais antigo da Europa, um veterano experiente e comprovado. No entanto, este facto por si só causa preocupações em termos de posse do poder e prolongamento na posição. Em um sistema parlamentar multipartidário, é incomum que o mesmo político seja autorizado a exercer quatro mandatos consecutivos. É o próprio Estado em estado de exceção.

Para comparar com paralelos históricos da ‘arte de saber durar’ (Rosas, 2012), podemos pensar nas várias experiências com os regimes autoritários no Brasil ao longo do século XX. A ditadura militar entre 1964 e 1985, que durou uns 20 anos. O período associado ao nome de Getúlio Vargas define um prazo de 1930 a 1945, e depois seu regresso entre 1951 e 1954. As referências brasileiras podem ser continuadas até recentemente as características da presidência de Jair Bolsonaro, de 2019 a 2023, que mantém relações particularmente boas com o político húngaro. Orbán – evocando a analogia brasileira como uma espécie de Vargas ‘inverso’ – chegou ao poder em 1998 no âmbito de um sistema multipartidário e democrático, e mais ou menos respeitou as ‘regras do jogo’ da democracia durante seu

primeiro mandato como primeiro-ministro. Mas nos quinze anos que se passaram desde 2010 começou a construção do poder pessoal, depois que Viktor Orbán voltou com uma autoridade excepcionalmente forte, como ele mesmo disse, com uma revolução, a ‘revolução das cabines eleitorais’. Obteve uma maioria parlamentar de dois terços, ele implementou uma concentração contínua de poder autárquico por meio de uma nova constituição (abril de 2011) e da permanente reforma das leis. Desde que ele voltou ao poder, vejo sinais de que o próprio Viktor Orbán e os *think tanks* que o apoiam e participam da formação do seu sistema político estudam e modelam diligentemente os regimes ‘fortes’ do século XX (entre estes, os exemplos de A. Salazar, F. Franco e G. Vargas). Ao mesmo tempo, os seus adeptos dedicados continuamente procuram apresentar o líder político húngaro como um exemplo a seguir para os autoritários contemporâneos.

### ***Autodefinição e as tentativas de definir um regime excepcional***

A opinião pública húngara politizada e polarizada tem demonstrado a necessidade de compreender com a maior precisão possível a essência do orbánismo. O próprio líder tenta repetidamente interpretar em público a sua política. Ele expressou sua autodefinição com maior impacto no plano ideológico, quando declarou o seu regime *democracia iliberal* (terminologia inventada por Fareed Zakaria, *The Rise of Illiberal Democracy*, 1997) explicado pelo próprio Orbán como crítica ao liberalismo moderno. O seu discurso influente sobre este tema foi proferido em julho de 2014. Além disso, outras expressões também fazem parte do vocabulário de autodefinição do primeiro-ministro húngaro e seus seguidores: «estamos a construir uma democracia cristã», enquanto os objetivos econômicos são realizados pelo Estado «desenvolvimentista» ou «modernizador». Atualmente, estas passam para segundo plano, atrás dos adjetivos «soberanista» e «patriota». Em 2024, um funcionário e ideólogo estatal influente resumiu assim os objetivos do regime: «A essência da ‘grande estratégia húngara’ é que o país se defenda dos ataques contra ele e contra a cultura cristã, garantindo ao mesmo tempo a paz e o desenvolvimento do povo húngaro.» (Orbán, 2024) No entanto, a autodefesa exige o estado de exceção.

Os analistas críticos têm tentado captar a essência do orbánismo com expressões características e frequentemente traçaram paralelos com os líderes em exercício de Singapura, China, Índia, Rússia ou Turquia, *stars* das tipologizações politológicas. Ou, tentavam associar o regime a fenómenos históricos já conhecidos. Embora esses pontos de referência sejam controversos e de bases de partida diferentes, ainda assim quando colocados lado a lado, talvez consigam delinear a essência da política húngara da última década e meia. Fala-se a virada autocrática do Estado na Hungria, que é definido como um autoritarismo competitivo, capitalismo autoritário ou Estado acumulador (Wolfe, 1977; Scheiring, 2018). Sendo um sistema burocrático autoritário, responsável pela implementação severa de reformas impopulares de abertura do mercado, pode nos lembrar os regimes neoliberais latino-americanos, como a ditadura militar brasileira (O’donnell, 1973). A política de Victor Orbán é chamada populismo direitista ou populismo

penal/jurídico, *politics of law and order* (Löffler, 2015). Frequentemente ouvimos a definição com expressões como democracia híbrida (o sistema que combina traços de autoritarismo com elementos aparentemente democráticos), ou pseudodemocracia, democracia liderada/controlada, e autocracia eleitoral (que não elimina todos os elementos do sistema institucional democrático, mas esvazia o seu funcionamento a tal ponto que, na realidade, já não se trata de uma democracia). Para outros especialistas orbánismo é a nova face do fascismo, um fascismo mutante por modelos históricos. O funcionamento da máquina estatal pode ser considerado um Estado mafioso, onde ocorre *state capture* (modelo de putinismo): a corrupção cada vez mais forte, centralizada e controlada politicamente.

A autodefinição e a definição, ambas mostram a fluidez do regime de 15 anos, que não é homogêneo e está em constante mudança. Seu pragmatismo flexível torna difícil descrevê-lo com precisão usando nossos conceitos pré-estabelecidos. A situação especial permanente do poder executivo aumenta a flexibilidade pragmática do Estado.

### ***O saldo do regime de Orbán após 15 anos***

A reestruturação do sistema político na Hungria começou rapidamente após 2010. Depois das duas décadas (1990-2010) da democratização (enquanto a República da Hungria mostrou o funcionamento normal da democracia parlamentar multipartidária), Viktor Orbán venceu as eleições e assumiu o governo dentro dos limites da democracia. Foi esse sistema constitucional o que por sua mão, gradualmente transformou-se em um poder pessoal cada vez mais ditatorial, de acordo com os interesses da concentração do poder.

Os passos mais marcantes desta transformação são a polarização extrema da sociedade, principalmente pelo controle forte do governo sobre a mídia (uso propagandístico); a nova Constituição e distorções do sistema eleitoral; o funcionamento quase monopartidário do parlamento; durante a pandemia do coronavírus e, posteriormente, com o pretexto da guerra entre a Rússia e a Ucrânia o governo recebeu poderes extraordinários sem prazo; tira muito dinheiro dos municípios reforçando a centralização e esvaziando o funcionamento do governo local por exemplo com a criação das zonas econômicas especiais; restringindo sua autonomia, reorganizou as universidades públicas com seus bens na forma de fundações privadas, e isso não afetou apenas as universidades. A principal causa do fracasso da democracia húngara é a transformação legalizado (mas isso não significa que seja justo) de fundos públicos em fundos partidários e privados. O círculo de apoiantes oligárquicos de Viktor Orbán embolsa bilhões com autorização legal (registram em seu nome propriedades rurais, castelos, usinas de energia, tesouros naturais (lagos inteiros!), prédios históricos valiosos) com subsídios estatais e recursos da União Europeia não reembolsáveis, ou talvez com empréstimos bancários também não reembolsáveis, aparentemente pagando o preço de compra pro forma. A implementação de todas essas medidas foi facilitada significativamente após 2020 pela manutenção quase contínua do regime jurídico especial.

O sistema político de Orbán reage sempre da mesma forma às críticas ou às situações incômodas, sempre responde a os desafios pela força e define qualquer crítica ou dúvida como um ataque político. Tenta resolver quase tudo com uma máquina de comunicação. Não há possibilidade de compromissos políticos, reconciliação, ou unidade nacional real. Os fracassos ou as decisões erradas não são seguidos de responsabilização e consequências. Mas há a manutenção de uma situação de luta contínua com o ‘inimigo’ externo ou interno. Esta é a lógica da democracia iliberal: um sistema que restringe os partidos da oposição e a mídia independente; a repressão contra as organizações civis na Hungria, as regulamentações intermináveis e as intimidações abertas afetam cada vez mais a sociedade civil. Com o esvaziamento das instituições democráticas, o palco das manifestações tem sido cada vez mais a política de rua (Budapest Pride, 2025).

Praticamente chegamos a este ponto: o regime estabelecido após 2010 é controlado pela política só, tornou-se totalmente irracional do ponto de vista econômico e, por isso, está condenado à crise e ao colapso. O Estado húngaro tornou-se um parasitário/aderente (*Polyptora*) e disfuncional. Assiste-se à desintegração dos grandes subsistemas geridos pelo poder central (como o ensino básico e superior, o sistema de saúde, social ou de proteção à criança). A incapacidade de governar tornou-se lentamente evidente para ampla gama da opinião pública do país, ultimamente um exemplo assustador o escândalo de brutalidade e abuso sexual no sistema de instituição prisional correcional para jovens, que veio à tona nas últimas semanas de forma perturbadora.

Com menos de um ano de existência, uma nova formação política surgiu: o *Tiszta Párt* (Partido Respeito e Liberdade, em húngaro: *Tisztelet és Szabadság Párt*; e *Tisza* é o nome do segundo maior rio da Hungria), formado por Péter Magyar (1981) ao unir as forças democráticas e anti-Orbán. Ele e o partido novo dele representam um verdadeiro desafio ao FIDESZ. Sondagens preveem uma maioria parlamentar para eles nas eleições de abril de 2026. Se as próximas eleições forem realizadas na Hungria e se um regime autoritário e seu líder puderem ser destituídos de acordo com as regras da democracia. Caso contrário, só se pode esperar o colapso interno do regime.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Bottoni, S. Orbán: Un despota in Europa. Salerno Editrice. 2019.
- Lendvai, P. Orbán: Hungary's Strongman. Oxford University Press. 2018.
- Löffler, T. “Megjegyzések a konzervatív jogpolitika és a „büntető populizmus” kapcsolatáról.” *Politikatudományi Szemle*, 24. (2.). pp. 123-134, 2015.
- O’donnell, G. A. Modernization and Bureaucratic-authoritarianism: Studies in South American Politics. Institute of International Studies, University of California, 1973.

- Orbán Balázs: “A modernizáció és a modernizmus különválasztandó fogalmak.” Demokrata, <https://demokrata.hu/magyarorszag/orban-balazs-a-modernizacio-es-a-modernizmus-kulonvalasztando-fogalmak-873326/> Accessed 4 Jan. 2026.
- Rosas, F. Salazar e o Poder. A Arte de Saber Durar. Lisboa: tinta-da-china, 2025.
- Scheiring, G. Az Orbán-rendszer természete: autoriter kapitalizmus és felhalmozó állam. MÉRCE, 2018, <https://merce.hu/2018/12/25/az-orban-rendszer-termeszete-autoriter-kapitalizmus-es-felhalmozó-allam/> Accessed 4 Jan. 2026.
- Szelényi, Z. Tainted Democracy: Viktor Orbán and the subversion of Hungary. Hurst. 2023.
- Viktor Orbán: Discursos. Diário de Bordo. 2025.
- Wilkin, P. Hungary’s Crisis of Democracy: The Road to Serfdom. Lexington Books, Bloomsbury Publishing PLC, 2016.
- Wolfe, A. The Limits of Legitimacy: Political Contradictions of Contemporary Capitalism. Free Press, 1977.
- Zakaria, F. “The Rise of Illiberal Democracy.” Foreign Affairs, vol. 76, no. 6, 1997, <https://doi.org/10.2307/20048274>. Accessed 4 Jan. 2026.

# ÍNDICE REMISSIVO

## C

Carl Schmitt, 1, 2, 6, 7, 13, 15, 18, 24, 26, 27, 30, 45, 55  
Clevelândia do Norte, 77, 78, 81, 82, 84, 85, 86, 87

## D

dimensão prática, 3  
dimensão teórica, 3  
Direito Internacional, 32, 52, 53, 54, 55, 57, 59, 60, 111  
direitos humanos, 29, 53, 62, 63, 64, 66, 68, 70

## E

estado de guerra, 63, 89, 92, 93, 94, 96, 97, 103  
estado de sítio, 1, 8, 33, 40, 63, 65, 83, 89, 90, 92, 93, 94, 103, 104, 108

## F

fraude jurídica, 52, 54, 56, 57, 59, 60, 111

## G

Getúlio Vargas, 72, 89, 90, 94

Giorgio Agamben, 1, 6, 23, 24, 26, 28, 30, 78, 85, 109  
governança, 42, 50, 57, 69, 110

## H

Hungria, 2, 71, 72, 73, 74, 75, 109

## I

intervenção federal, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108

## S

Sistema Interamericano, 62, 64, 65, 66, 67, 69

## V

vida nua, 13, 24, 25, 29, 79, 81, 85

## W

Walter Benjamin, 14, 21, 22, 23, 24, 27, 28, 30, 109

Ao celebrar a marca de 100 episódios do podcast Estado de Exceção, este livro traduz a essência de seis anos de diálogos interdisciplinares reunindo textos curtos e de fácil leitura a respeito de abordagens teóricas e práticas da excepcionalidade. Mantendo sua proposta de divulgação científica, a obra apresenta conteúdo multimídia que pode ser complementado por episódios do programa, permitindo a ampliação da experiência de leitura. Esta obra funciona como um glossário essencial, unindo o rigor acadêmico a uma linguagem acessível.

---



9786585756785



**Pantanal Editora**

Rua Abaete, 83, Sala B, Centro. CEP: 78690-000

Nova Xavantina – Mato Grosso – Brasil

Telefone (66) 9608-6133 (Whatsapp)

<https://www.editorapantanal.com.br>

[contato@editorapantanal.com.br](mailto:contato@editorapantanal.com.br)